

# Um perigo para o regime

Congresso

Com a absolvição de mais três parlamentares envolvidos no escândalo da Comissão de Orçamento — o senador Ronaldo Aragão (PMDB-RO) e os deputados Êzio Ferreira (PFL-AM) e Daniel Silva (PPR-MA) —, o Congresso vai encerrando melancolicamente uma das piores legislaturas de toda a sua história. Mais uma vez, em lugar de dar a sua tão esperada contribuição para a moralização dos nossos costumes políticos, os congressistas que votaram pela absolvição preferiram o corporativismo e o compadrio. Salvam-se os mandatos de políticos desmoralizados, que não conseguiram responder às acusações de apropriação de dinheiro público ou recebimento de propinas, e perde-se mais uma oportunidade de melhorar a imagem do Congresso, cada vez mais desacreditado. Porque a imagem do Congresso é projetada pela minoria que impediu a condenação e não pela maioria que votou por ela.

Não se trata de defender a cassação de mandatos de parlamentares apenas porque sobre eles pesam acusações. O problema é que essas acusações, além de terem sido fundamentadas por uma comissão integrada por seus próprios pares, jamais foram respondidas por eles de maneira convincente. A CPI do Orçamento acusou Ronaldo Aragão e Êzio Ferreira de receber propinas de empreiteiras e Daniel Silva de desviar para suas contas bancárias dinheiro de subvenções sociais. Em resposta, eles ofereceram apenas desculpas esfarrapadas.

O caso do senador Aragão é particularmente grave, porque ele chegou a confessar em pleno Senado ter recebido dinheiro de uma construtora, beneficiada por emendas ao Orçamento. Ou seja, era réu confesso. Por isso, a cassação de seu mandato era tida antes da votação como fato consumado. E, pelo mesmo motivo, sua absolvição foi especialmente afrontosa.

As esperanças suscitadas pela CPI do Orçamen-

to, que deveria completar o trabalho de saneamento da CPI do PC, que levou ao **impeachment** de Collor, vão, dessa maneira, sendo frustradas. Para a opinião pública, apesar de a maioria dos parlamentares ter votado pela condenação, fica a impressão de que o Congresso, como um todo, perdeu os últimos resquícios de pudor. Cassou alguns mandatos, entre eles até mesmo o de certos figurões, para dar uma satisfação à opinião pública e, imaginando que ela estava satisfeita, passou então a salvar as cabeças de outros.

Cúmplices de colegas que meteram a mão no dinheiro público e são por eles absolvidos, afundados em mordomias de todo tipo e ainda por cima gazeiteiros contumazes que, quando muito, dão quórum para votações um ou dois dias por semana, os parlamentares que votaram pela absolvição são responsáveis pelo total descrédito do Congresso junto à população. Sua desmoralização é atestada por todas as pesquisas que buscam conhecer a opinião da sociedade sobre as instituições.

A sucessão presidencial que se avizinha deixa patente que não poderia haver perigo maior do que esse para o nosso ainda frágil regime democrático. Qualquer um que seja eleito se verá às voltas com um Congresso que não promete ser muito melhor do que este que está aí. Se o eleito, porventura, for Luiz Inácio Lula da Silva, o problema então será ainda mais complicado. Sem maioria parlamentar e diante de um Congresso desmoralizado, será grande para Lula a tentação de dobrá-lo por meio da “mobilização das massas”, com todos os enormes riscos que isso representa para o regime. Infelizmente, são grandes as possibilidades de que, se isso ocorrer, ele atinja seu objetivo, pois quantos sairão em defesa do Congresso? É a isso que nos está conduzindo a irresponsabilidade da maioria dos parlamentares.